



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ELIZABETH CORREA TORRES**

**MAGIA DAS PALAVRAS: LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE  
LETRAMENTO**

Maceió  
2023

ELIZABETH CORREA TORRES

**MAGIA DAS PALAVRAS: LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE  
LETRAMENTO**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Silvana Paulina de Souza

Maceió  
2023

## MAGIA DAS PALAVRAS: LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Elizabeth Correa Torres (UFAL)  
bethadvir2805@gmail.com  
Silvana Paulina de Souza (UFAL)  
spaulinadesouza@gmail.com

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da literatura infantil como possível colaborador no letramento de crianças, na busca de desenvolver a ampliação do vocabulário destas. A análise será realizada a partir de um relato de experiência com a literatura infantil, realizada enquanto discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Para tal, foi utilizado o livro “A Terra dos Meninos Pelados”, do autor alagoano Graciliano Ramos e o texto foi mediado pela técnica de contação de histórias. A ação foi desenvolvida em diferentes espaços: na UFAL, durante as aulas e participação do Programa Residência Pedagógica, em escolas da rede municipal de Maceió (Educação Infantil e Ensino Fundamental I) e em apresentação e oficina na 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. A Proposta se justifica pela importância da literatura infantil no processo de letramento das crianças. Diante das reflexões podemos considerar que a literatura, literatura infantil, tem um papel significativo no desenvolvimento das crianças, permitindo o contato com diferentes experiências, auxiliando no processo de letramento, ampliando o vocabulário e estimulando a imaginação. Para a realização deste trabalho, nos pautamos nos textos de Magda Soares, Vygotsky, John Dewey, Regina Zilberman, Colin Heywood, Philippe Airès, Antonio Candido, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil; contação de histórias; imaginação; letramento.

### 1 INTRODUÇÃO

A reflexão realizada neste artigo tem por objetivo analisar a importância da Literatura Infantil como colaboradora na formação da imaginação e criação da criança além da ampliação do seu vocabulário, possibilitando o letramento. Entendemos que a ação mediada pelo professor por meio da contação de histórias promove a inserção do estudante no mundo da cultura. No que se refere às ações

que põem o futuro leitor e o leitor em formação em contato com a escrita nos livros infantis, esta possibilita a familiarização e possível interação com a linguagem literária por meio dos textos e ilustrações, preparando-as para compreender o seu uso na cultura escrita.

A importância de inserir as crianças numa cultura letrada é defendida por Craidy e Kaercher (2001) quando afirma que o contato agradável com o livro e o ato de ouvir histórias desde muito cedo possibilita que as crianças não apenas leiam, mas tenham uma relação prazerosa com a leitura. Para que esse contato ocorra, o livro deve fazer parte do dia a dia das crianças, afirma as autoras, pois ele pode mobilizar diversas linguagens além da escrita, como a grafo-plástica, musical, corporal, imagética. Assim, é necessário que o professor desenvolva uma apreciação e gosto pela leitura e leitura de literatura, para que possa apresentar a cultura letrada para as crianças.

O aprofundamento teórico e as discussões feitas no campo acadêmico, durante as aulas na Universidade Federal de Alagoas, provocaram mudanças na minha concepção sobre a literatura infantil. Essas alterações me levaram a perceber as inúmeras possibilidades na apresentação dos textos infantis em seus diferentes formatos. Esse aprofundamento ocorreu durante as aulas da disciplina de Literatura Infantil, ofertada no curso de Pedagogia. Os estudos e discussões sobre a mediação do texto escrito para crianças por meio da contação de histórias foram os que mais se destacaram. Por meio da apresentação do texto oralmente, foi percebido como este pode auxiliar e despertar nas crianças o desejo de aprendizagem da leitura e da escrita. O uso da imaginação e do interesse de serem interlocutores de suas próprias histórias foram percebidas nas ações práticas, durante o Programa Residência Pedagógica (PRP), edição 2018/2020.

O PRP propunha a inserção na escola para realizar vivências com as crianças e professores de uma escola e um CEMEI do município de Maceió, estado de Alagoas. Verificou-se que um número significativo de crianças apresentava dificuldades para interpretar textos e buscar estratégias de leitura para resolução de problemas. O que compromete a aprendizagem e o desenvolvimento. Assim, este texto composto por relato de experiência objetiva refletir sobre a mediação e intervenção pedagógica, realizada com propostas lúdicas na contação de histórias, com a finalidade de desenvolver a imaginação das crianças.

Para a escrita do artigo, recorreu-se aos textos referenciados nas aulas, tais como: Freire (1982), e no Programa Jolibert (2006), Hernandez e Ventura (1998). Uma atividade específica foi recuperada para exemplificar as propostas de mediação da leitura e a contação de histórias para crianças. A escolha se deu por ter sido explorada em diferentes situações, uma delas a medição de histórias realizadas em nossa prática, enquanto estávamos na atuação na escola e no CEMEI, as crianças demonstravam dificuldades com a atenção e imaginação, porém demonstravam muito interesse pela contação de histórias. Com isso contribuiu para justificar o uso de estratégias de mediação de textos infantis para promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, tendo como hipótese a Literatura Infantil como possível colaboradora nesse processo de inserção no mundo do letramento, e sendo provável auxílio para a ampliação do vocabulário delas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A Literatura Infantil é uma forma de expressão literária destinada ao público infantil. Ela abrange textos escritos, como contos, fábulas, poemas e histórias, que são produzidos especificamente para crianças. A Literatura Infantil busca cativar, entreter e educar os leitores, utilizando uma linguagem adequada e temas que são relevantes para a sua compreensão, desempenhando um papel importante na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Ela pode promover a imaginação, a criatividade, a empatia e a compreensão do mundo ao redor. Ao apresentar histórias e personagens do universo infantil, a literatura desperta o interesse pelas palavras, pela leitura e pelo aprendizado.

Antonio Candido, crítico literário brasileiro, aborda sobre a importância da literatura. Ele defendia que a literatura desempenha um papel fundamental na formação da identidade cultural do ser humano, na ampliação de suas perspectivas e no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e emocionais. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (p.182). Candido (1970), diz ainda:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (1970, p. 176).

Segundo o autor, a literatura tem o poder de ampliar os horizontes dos leitores, proporcionando-lhes mudanças na visão de mundo. Ao entrar em contato com diferentes culturas, contextos históricos e perspectivas os leitores podem desenvolver empatia, compreensão e tolerância em relação aos outros.

Na formação do leitor, o autor valorizava sua importância, defendendo que a literatura deveria ser acessível a todos, independentemente de sua origem social ou educacional. Compreende que a leitura literária pode desenvolver a sensibilidade estética, o pensamento crítico e a capacidade de interpretação dos leitores, contribuindo para sua formação como cidadãos mais conscientes e participativos (CANDIDO, 1970, p.177 e 178).

## 2.1 CONCEITO DE LETRAMENTO

Em cada etapa do desenvolvimento acadêmico, no contexto da educação básica, os interesses de determinados gêneros foram priorizados em detrimento de outros. Diante disso, é possível que o professor privilegie o uso de materiais de leitura variados. Esse comportamento favorece a formação do aluno leitor. Para reafirmar esta ideia, podemos apontar:

Em todos os anos de escolarização, as crianças devem ser convidadas a ler, produzir e refletir sobre textos que circulam em diferentes esferas sociais de interlocução, mas alguns podem ser considerados prioritários, como os gêneros da esfera literária; esfera acadêmica/escolar e esfera midiática, destinada a discutir temas sociais relevantes. (PNAIC, p.32).

Nas pesquisas feitas pelo Censo Nacional, historicamente até os anos 40, identificava quem era alfabetizado ou não, fazendo uma simples pergunta: você sabe escrever o seu nome? Naquela época a linguagem escrita era utilizada muito pouco, e escrever o nome era algo suficiente para assinar os documentos principais,

após os anos 40, o uso da linguagem escrita na sociedade avançou e o censo começa a fazer uma outra pergunta: você sabe escrever e ler um bilhete simples? Os tempos mudaram e apesar de saber escrever bilhete é algo importante, saber só escrever um bilhete ele não é mais suficiente para a sociedade em que vivemos, ou em outras palavras para conseguirmos atuar nas práticas sociais, de um mundo tão tecnológico e globalizado. É preciso compreender o que se lê nas diferentes circunstâncias, espaços e suportes, ou seja, ser letrado. Podemos perceber que um dos direitos regidos no artigo 4º da LDB (Lei 9394/96) quando diz do direito à educação e do dever de educar: “alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos”.

A palavra letramento é uma palavra recente:

É esse, pois, o sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzindo "ao pé da letra" o inglês literacy. tetre-, do latim littera, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p.18).

A autora Magda Soares, defende que é necessário a utilização de um termo novo que contemple as transformações ou mudanças significativas, ou seja o termo alfabetização como ele era utilizado, não comporta mais as complexidades deste mundo atual, a palavra letramento completa os sentidos dentro das características atuais.

Sob a ótica de Soares (2009, p.39): “Letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. Em seguida ela diz que “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” (p.72).

O conceito de letramento é amplo, não se restringe ao aprendizado escolar, está intrinsecamente ligado à participação do indivíduo na sociedade. Não se trata de decodificação de letras e palavras, mas da compreensão e produção de textos, a

interpretação de informações, a capacidade crítica e reflexiva diante dos discursos e a inserção em práticas sociais mediadas pela escrita. “(...) o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas” (SOARES, 2009, p.80-81).

A autora propõe três formas de letramento: o letramento autônomo, que enfatiza a alfabetização como um conjunto de habilidades individuais; o letramento ideológico, que considera a influência das relações de poder na aquisição e uso da escrita; e o letramento autônomo-ideológico, que busca integrar as duas perspectivas anteriores, reconhecendo a dimensão individual e a dimensão sociocultural do letramento.

Soares ressalta a importância de considerar os diferentes letramentos existentes na sociedade, pois há práticas de leitura e escrita específicas de determinados grupos, instituições e contextos. Ela defende a valorização dos conhecimentos prévios e experiências dos sujeitos como ponto de partida para o desenvolvimento do letramento, promovendo a interação entre as práticas de leitura e escrita da escola e as práticas sociais dos alunos.

Dessa forma, indica que o letramento é um processo contínuo e complexo que envolve não apenas habilidades técnicas, mas também a compreensão e o uso adequado dos diferentes gêneros textuais, das normas e convenções da língua escrita, bem como o conhecimento dos contextos sociais, culturais e históricos em que a leitura e a escrita são praticadas. Além disso, é importante salientar que aprender a ler e escrever é diferente de apropriar-se da escrita, não é apenas uma tecnologia adquirida é “assumi-la como sua propriedade” (2009, p.39).

## 2.2 UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL.

Para tratarmos da origem da Literatura Infantil é preciso falarmos também sobre a origem do conceito de infância que temos hoje em dia. Discussões sobre a infância são recentes, por volta do século XII a XIII, as crianças eram vistas como miniadultos, eram consideradas autônomas aos seis anos. Em termos gerais, até

os dois anos de idade eram tratadas como descartáveis, era comum não terem nome, pelo fato de os pais não terem perspectiva de vida futura para elas. O nascimento não era garantia de vida na Idade Média, então, os pais não desenvolviam vínculos afetivos. Por haver falta de higiene, eram acometidas por muitas doenças e outros problemas na primeira infância, além de serem tratadas como “pobres animais suspirantes”. (HEYWOOD, 2004, p.87)

As crianças enquanto bebês eram tratadas apenas como coisinhas engraçadas, as famílias se divertiam com elas como se fossem um animalzinho de estimação até que se caso morressem logo seriam substituídas:

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÈS, 1981, p.10).

Na perspectiva e nos costumes da época, a infância era vista como algo cultural, eram tratadas como adultos em miniatura, na maneira de vestir, na participação de festas, reuniões e danças. As relações com os adultos mostravam que na perspectiva dos mesmos as crianças não possuíam inocência e acreditavam não existir diferença nas características entre adultos e crianças. O trato com elas era sem discriminação, falavam vulgaridades, brincadeiras grosseiras todos os tipos de assunto eram discutidos na frente das crianças, inclusive muitas delas participavam de jogos sexuais, “(...) no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido (...)” (ARIÈS, 1981, p. 51).

Anteriormente, a escolarização não era comum, pois não havia uma estrutura organizacional de escolas. A aprendizagem da leitura, escrita e conhecimentos históricos e científicos era restrita às crianças da elite, que tinham o privilégio de ter preceptores em suas casas. Com a nova estrutura familiar, a criança começou a ser percebida como tendo um ritmo de desenvolvimento

diferente e o mundo infantil passou a ser considerado um espaço separado (ZILBERMAN, 1985, p.13).

Em meados dos séculos XV, XVI e XVII, ocorreu o que podemos definir como “descoberta” da infância, percebe-se que existia a necessidade de um trato diferenciado para com os pequeninos, mesmo que ainda consideravam as crianças como adultos imperfeitos. O tratamento diferenciado foi chamado como “uma espécie de quarentena”, antes que pudesse integrar o mundo dos adultos” (HEYWOOD, 2004, p.23).

Em termos gerais várias mudanças ocorreram no contexto dos séculos XVII e XVIII, que influenciaram a composição da família e a função da infância, dentre elas: nascimento da família burguesa; atribuições de novos sentidos à infância; início da educação formal na Europa; uso da imprensa e o início dos estudos folclóricos. Com isso o olhar em direção a educação, as necessidades e especificidades infantis passa a ter importância, e surgem novas atribuições em relação ao sentido da criança, passando a ser vista como um ser ingênuo, que precisa de cuidados, que não pode ouvir qualquer coisa, sendo então separada da sociedade e sendo cuidadas por esse modelo de família que passa a se preocupar com a educação.

Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIES, 1981, p.12).

Com o surgimento e construção das primeiras escolas para atender às necessidades da nova perspectiva de infância no século XIX, a escrita passa a ser preponderante em relação à oralidade. As pessoas passam a ter mais interesse pela escrita e, conseqüentemente, por livros escritos que eram feitos à mão. Com a chegada da imprensa, passam a ser impressos, estimulando a produção de mais livros, é então nesse cenário que provavelmente a Literatura Infantil escrita surge.

O que se tem escrito sobre o surgimento da Literatura Infantil é muito

pouco, como afirma Cunha (1987). Contudo, no século XVII surgiu Fenélon (1651-1715), trazendo uma Literatura Infantil com a função de educar moralmente as crianças, as histórias eram elaboradas com uma concepção de mundo fundamentada em uma dualidade entre os opostos inconciliáveis bem e mal, luz e trevas, com o fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. A Literatura Infantil tem por base as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, que recitavam seus contos, lendas e histórias conforme as vivências da sociedade que eram apoiadas pelas tradições da contemporaneidade. Muitos caçadores folclóricos adaptaram as narrativas adultas desses camponeses retirando passagens obscenas de conteúdos incestuosos e de canibalismo.

No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, construindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil. No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Colodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) constituem-se em padrões de literatura infantil. (CADEMARTORI, 1994, p.33-34).

Segundo Motta (2006), os primeiros exemplares de livros infantis editados no Brasil datam do início do século XIX. Com a implantação oficial da Imprensa Régia, em 1808, tem início à atividade editorial e, desse modo, surgem às primeiras publicações destinadas ao público infantil, que consistiam principalmente em traduções de livros europeus. No Brasil, ainda segundo esse educador, a primeira obra intencionalmente escrita e editada para a recreação das crianças foi publicada em 1894, com o título de Contos da Carochinha, de Artur de Azevedo, e, por essa época, também começam a ser publicadas traduções e adaptações de livros de autores estrangeiros destinados às crianças, com função didática. Em 1921, com a publicação de Narizinho Arrebitado, de Monteiro Lobato, tem-se o marco inicial da constituição de uma Literatura Infantil brasileira, de fato.

Após Lobato, outros escritores brasileiros se dedicaram à produção de textos do gênero, mas, segundo outros estudiosos do tema - como, por exemplo, Lajolo e Zilberman (1999) - é somente a partir dos anos de 1970 que se tem, em nosso país, o início de uma produção em massa de livros para crianças e jovens, e, ainda, é a partir dessa década que há um aumento de número de pesquisas e estudos acadêmicos sobre literatura infantil e juvenil.

Segundo Lajolo e Zilberman (1999) nos contos, observa-se a predominância de finalidade educativa e formativa. Por meio de narrativas de fatos e acontecimentos reais e simples, ensinam-se, de maneira menos ou mais explícita, valores morais e religiosos, dão-se conselhos e exemplos de vida e bom comportamento, para que as crianças os aprendam e os pratiquem. Esses ensinamentos indicam o modo pelo qual a criança deveria ver o mundo, de acordo com desejos e expectativas dos adultos. Nesta perspectiva, as escolhas e a mediação dos professores que apresentam a literatura infantil devem ser intencionalmente voltadas para o desenvolvimento das crianças.

### 2.3 O OLHAR DO DOCENTE NA MEDIAÇÃO DA LEITURA DE LITERATURA INFANTIL.

A importância de inserir as crianças numa cultura letrada é defendida por Craidy e Kaercher (2001) quando afirma que o contato agradável com o livro e o ato de ouvir histórias desde muito cedo, possibilita que as crianças não apenas leiam, mas tenham uma relação prazerosa com a leitura. Para que esse contato ocorra, o livro deve ser parte do dia a dia das crianças, pois ele desenvolve diversas linguagens além da escrita, como a grafo-plástica, musical, corporal, imagética etc., que fazem parte da Educação Infantil e do Ensino Fundamental nas séries iniciais e seu cotidiano.

O papel do educador nesse processo é de fundamental importância, pois ele precisa ter uma boa relação com a leitura para que as crianças gostem de ler e vejam na literatura possibilidades de se divertir e aprender, para isso “precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão; brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história (...)” (CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 83).

À medida que as crianças vão crescendo e se tornando falantes habilidosos da língua, as histórias começam a ganhar mais sentido e significado. Por isso, o professor tem diferentes possibilidades para trabalhar com diferentes gêneros da literatura infantil. Os livros de contos de fada, que “com seus seres mágicos e seus finais exemplares (em que o mal é sempre punido) são histórias que possibilitam às crianças de qualquer contexto – social, econômico, cultural, étnico, racial – a vivência de uma experiência sem precedentes.” (CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 85).

Vale ressaltar que a literatura tem um fim em si mesma. O prazer que ela proporciona, enquanto arte, é razão suficiente para ser trabalhada na educação de forma geral, assim o educador não deve procurar uma utilidade social ou relevância para os textos, pois eles não devem servir como pretexto para outra atividade.

(...) é sempre bom lembrar que a literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido à nossa existência. Se nós, na nossa prática cotidiana, deixarmos um espaço para que esta forma de manifestação artística nos conquiste seremos, com certeza, mais plenos de sentido, mais enriquecidos e mais felizes. (CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 87).

A escola como agência privilegiada na formação de leitores, recebe instruções de documentos como o Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de como deve ser tratado, ou não, o texto literário no espaço escolar:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

Diante disso, o objetivo desse artigo é confirmado por Cramer e Castle (2001) quando afirma que existem quatro pré-requisitos para que uma criança seja motivada a ser um leitor por toda a vida, sendo eles: o papel do professor como

alguém que oriente, encoraje e apoie os esforços de aprendizagem, gerando autoconfiança nos alunos; a escolha de livros e atividades adequadas ao nível e faixa etária; uma seleção de livros baseada nos objetivos de aprendizagem significativos e por fim, a moderação e variação das estratégias de motivação intrínseca. Diante do exposto, destacamos que o papel da escola e do educador é primordial para que a criança não deixe de ler com o passar dos anos e/ou com o fim de sua educação formal, mas que encontre na leitura uma fonte de prazer e conhecimentos.

#### 2.4 A NARRAÇÃO / MEDIAÇÃO E A IMAGINAÇÃO

Promover a capacidade imaginativa é necessário para o desenvolvimento infantil. É por meio dela que a criança representa a realidade ausente. Representar é substituir o real, é a capacidade de fazer relações mentais, imaginar, transcender o espaço e o tempo presente, adentrar em outros espaços e tempos. Imaginar é fazer da ausência uma presença. Dewey (1966 apud BARBOSA, 1982) considera a imaginação como a operação central da experiência educativa. Para ele, é pela imaginação que transformamos uma experiência direta em simbólica:

Não fosse pelo jogo da imaginação, não haveria nenhum caminho que levasse de uma atividade direta para o conhecimento representativo, pois é através da imaginação que os símbolos são traduzidos num significado direto e integrado. (DEWEY apud BARBOSA, 1982, p. 75).

Vygotsky (1990) também se refere à imaginação como uma operação da mente. Segundo o autor, ela existe como necessidade humana para as descobertas científicas, para as criações em arte, para a vida cotidiana, e complementa, a imaginação se manifesta na infância pela brincadeira, pelo jogo. Quando a imaginação é dirigida ela consegue mostrar uma intenção, é uma linguagem, é social. A imaginação é uma atividade do pensamento. Para Dewey (1959, p.200): “O pensamento abstrato é a imaginação, que vê os objetos conhecidos sob nova luz, abrindo panoramas novos para a experiência.” O pensamento tem uma ligação intrínseca com a linguagem e segundo Vygotsky (2000, p. 150):

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da "palavra", seu componente indispensável.

A língua carrega significados, então podemos afirmar que o pensamento é um ato social. Vygotsky diz: "O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir" (p.156-157). Podemos entender que o termo utilizado para palavra pelo autor é expressão como linguagem, ela que dá forma ao pensamento.

Toda forma de linguagem, por ser social, pressupõe uma interlocução, pede para ser contada. Lembremos de uma criança criando algo artisticamente: ela se coloca no lugar de um observador, do "outro", para ver se o que está fazendo está tomando a forma que deseja. Ao mesmo tempo em que está conectada com seus desejos, distancia-se de si para olhar por outros ângulos. Esse é o discurso interno da criança, uma conversa dela com ela mesma.

Dewey (1949) diz que os objetos de arte, por serem expressivos, são meios de comunicação. Por serem comunicáveis, pedem um "para quem?". Assim como acontece na construção plástica e nas brincadeiras, a produção de um texto também pressupõe um interlocutor.

Para Vygotsky (1990), a linguagem falada é muito mais adiantada do que a escrita. Na linguagem falada as crianças dão respostas atinadas e descrevem algo vivamente, demonstrando entusiasmo para relatar. Isso ocorre porque na oralidade, a criança expressa coisas que conhece, que vivenciou ou que imagina. Já na escrita, a linguagem é muitas vezes bloqueada pelo receio de escrever, é desconectada de sua estrutura.

Os textos narrativos têm uma tendência à oralização. Eles são a primeira forma de texto infantil. Lembremos da brincadeira do faz-de-conta, ela é, em si, o princípio das narrativas infantis. Uma criança ao brincar de boneca, de carrinho, contextualiza a brincadeira, criando um enredo. Conforme a criança vai narrando, vai produzindo linguagem.

O professor como um interlocutor representa o social para o qual a criança vai se comunicar. Ela quer contar a sua história para alguém que esteja realmente

interessado, dessa forma buscará estratégias para melhor expressar o que tem a dizer. Na mediação, o professor valoriza o mundo da criança, considerando suas concepções, contextualizando-as, trazendo novos significados. Quando o professor medeia a ação de comunicar, abre um espaço de acolhimento, que promove o envolvimento. Ao mesmo tempo vai nutrindo essa ação com seus saberes acumulados, com isso existe uma troca de saberes de forma mútua, segundo SANTOS (2006, p.57,58).

Olhar para o processo de aprendizagem com os olhos da criança é cultivar nela e em nós mesmos, o olhar curioso em vez do olhar treinado, daquele que só vê uma alternativa. Acreditar que a criança tem muito a contar é incentivá-la a ir ao encontro do novo, para que possa ter cada vez mais o que contar, descobrindo como contar, porque tem para quem contar.

## 2.5 LITERATURA INFANTIL ESCOLHIDA E EXPERIÊNCIA DESCRITA

Para ilustrar as reflexões expostas nos itens anteriores, conversaremos sobre a experiência vivida a partir de uma proposta da disciplina eletiva chamada Literatura Infantil.

Quando participei dessa disciplina, o interesse pelas questões de contação de história surgiu. Percebi o quanto me fazia voltar a pensar como criança, lembrando-me dos momentos que meu avô se sentava com os netos para contar suas aventuras verídicas e fictícias, isso me fazia querer descobrir qual a fonte que meu avô buscava para contar aquelas histórias tão fascinantes para seus netos? Assim revivi momentos de muita nostalgia, porém começando a perceber o quanto essa técnica da contação de história diante dos autores estudados, poderia contribuir de fato para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Foi quando uma das propostas da professora da disciplina, após inúmeras discussões e textos teóricos compartilhados com a turma, era de escolher um livro de literatura infantil alagoana e desenvolver um trabalho de apresentação e mediação. Essa ação mediadora deveria ser pensada e elaborada para alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, levando em consideração todas as especificidades que giram em torno desse célebre público.

A princípio muitas dúvidas surgiram, pois a dificuldade em encontrar uma Literatura Infantil alagoana que alcançasse esse público de forma significativa, provocou inúmeras inquietações, porém, a professora fez um desafio, pediu especificamente que estudasse um livro do autor alagoano Graciliano Ramos, “A Terra dos Meninos Pelados”. Confesso que ainda não tinha lido esse livro, já tinha feito alguns trabalhos no ensino médio com o livro Vidas Secas, não imaginava que existisse uma Literatura Infantil escrita por ele.

A apresentação da história proposta pela professora foi pensada com a utilização de materiais como: feltro, espuma, EVA, tecido, palito de churrasco, TNT, cola, tinta de tecido, fibra de algodão, malha de algodão. Confeccionamos fantoches, cenário, personagens e vestimenta colorida. A proposta foi atrair a atenção das crianças e motivá-las a participarem da atividade. Essa ação é considerada como um jogo em que a criança imagina e dialoga com a fantasia a partir da realidade.

O livro de Graciliano Ramos, “A Terra dos Meninos Pelados” (1939), inovou a Literatura Infantil e Juvenil da época. Com uma linguagem baseada nos valores literários, o texto apresenta um mundo fantástico, onde nada é impossível. Desde o princípio o livro inova, quando mostra o protagonista Raimundo, um menino diferente dos outros meninos, pois tinha um olho azul e outro preto e a cabeça pelada, que era zombado pelas outras crianças. Ou seja, o autor já destaca um personagem que não pertence a um grupo social dominante, sendo vítima de exclusão.

Aproximando o leitor do texto, Graciliano Ramos usa e constrói uma narrativa utilizando uma linguagem coloquial, como podemos perceber em um trecho em que os garotos zombam de Raimundo: “Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara?”

Trabalhando o universo imaginário, o autor cria em Tatipirun um lugar onde os personagens possuem características de seres humanos, como o carro que fala, pisca o olho e voa, vemos no trecho do livro, quando Raimundo tem um encontro com ele:

- Querem ver que isto por aqui já é a serra de Taquaritu? pensou Raimundo.
- Como é que você sabe? roncou um automóvel perto dele.
- O pequeno voltou-se assustado e quis desviar-se, mas não teve tempo. O automóvel estava ali em cima, pega não pega. Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes, um azul, outro preto.
- Estou frito, suspirou o viajante esmorecendo.

Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina: - Deixe de besteira seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.

Levantou as rodas da frente, armou um salto, passou por cima da cabeça do menino, foi cair cinquenta metros adiante e continuou a rodar fonfonando... (RAMOS, 2010, p.12).

Compondo ainda o mundo da fantasia Graciliano Ramos dá voz a uma laranjeira que, muito educada e emotiva, oferece seu fruto para Raimundo, a uma aranha que parece representar a indústria têxtil pois fabrica uma roupa azul para Raimundo, a uma rã que insiste com o menino para que permanecesse no mundo da imaginação, por ter ele inventado o nome do lugar de onde tinha saído, ao tronco, as cobras corais, ao vaga-lume, a guariba paleolítica esquecida, trazendo doses de humor para abrilhantar ainda mais a narrativa.

O autor utiliza do recurso do neologismo, dando nomes diferentes a lugares, coisas e pessoas, como o lugar de onde veio o personagem principal (Cambacará); o nome da serra por onde o menino caminha (Taquaritu); a terra onde ele encontra todos semelhantes, todos pelados com olho preto e outro azul (Tatipirun); o nome dos personagens humanos (Caralampia, Pirencio, Talima, Fringo, Sira); uma das personagens (Talima) sugere que Raimundo mude seu nome para Pirundo e o garoto não aceita, e outras palavras que aparecem ao longo do texto como “princesência”, todo esse mecanismo criado para reforçar a magia e a perfeição que o lugar oferece, um lugar onde não existe noite, não existe morte nem cansaço, lugar sem discriminação e preconceito. O autor deixa claro que nesse lugar todos têm sentimentos, nomes e pensamentos próprios, deixando a sensação de que tudo o que acontece é real, podemos ver no trecho a seguir: “– *E boa, interrompeu um menino sardento. Meio desparafusada, mas um coraçãozinho de açúcar. Aquela é Sira*”,

A fantasia é algo fundamental na vida das crianças, sabendo dessa importância, percebemos que a terra dos meninos pelados é um lugar democrático bem diferente de Cambacará – lugar de origem de Raimundo - onde há injustiça, é aí o mágico da história, pois a terra de Tatipirun fortalece o menino pelado de olho preto e outro azul, fazendo com que ele volte ao seu lar aceitando como ele é e não como os outros querem que ele seja.

Os pequenos leitores podem viajar nesse universo mágico e perceber o

exemplo que o personagem principal transmite, fazendo com que seja possível enfrentar as lutas do dia a dia, como o preconceito por ser gordinho ou magrinho, por usar óculos, por ser baixinho ou alto, ou por conta do racismo, por exemplo. Essa é uma aventura surreal de um mundo encantado da imaginação com personagens que fazem brotar em nós o deleite da fantasia.

O desafio estava posto sobre mim: como poderia eu, uma adulta, transformar toda essa magia em linguagem? Como poderia eu ter a sensibilidade e o olhar infantil para poder narrar / mediar a história de forma prazerosa e, ao mesmo tempo, transmitir valores tão claros, que sendo ou não intencional pelo autor, são essenciais para nossas crianças?

O primeiro passo foi estudar a história, perceber o que o autor queria trazer, pesquisamos artigos e algumas fontes do que existia sobre o livro, e decidimos com base no que era possível sintetizar a história, pois a atenção e concentração varia muito entre as crianças, vai depender muito da idade, do estímulo e das especificidades de cada indivíduo. Pensando dessa maneira, concentrei as informações de forma que conseguisse, na contação de história, transmitir a história de Raimundo de forma sucinta, porém, divertida, dinâmica e lúdica, sem perder toda magia que o texto trazia. Sobre essa subjetividade da criança Cerdeira e Andreiuolo (2000, p. 117) refletem:

A criança está inserida na história, mas se quisermos fitá-la ou encontrar com ela, devemos tentar seguir seus saltos, como num jogo, como se brincássemos: pique-esconde, amarelinha, pular corda, corrida, estátua. A infância se constrói nesse ritmo, indo e vindo, ora sim, ora não. Não pode ser aprisionada. É livre. É subjetiva [...].

O mergulho nesse mundo da fantasia, me despertou o desejo de unir minhas habilidades artesanais e confeccionar todo o aparato para transformar esse mundo abstrato em algo concreto, que pudesse ser representado de forma simples, porém, de bom gosto que alcançasse o mundo infantil, com suas cores, suas fantasias e imaginação. Como afirma Ostrower (1997, p. 32) diz que imaginar é "um pensar específico sobre um fazer concreto" e complementa que:

[...] o pensar só poderá tornar-se significativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado,

sem rumo, sem finalidade. Nunca chegaria a ser um imaginar criativo.

Com o texto já transcrito e pensado numa releitura que não perdesse a essência do texto, começou o processo de elaboração da vestimenta para a contação. A figura 1 mostra o modelo que trouxe as cores e diversão do mundo dos pequeninos, com retalhos coloridos de tecido, filó nas cores do estado de Alagoas vermelho e azul que são as cores predominante, pouca pintura no rosto só para dar mais atratividade e um ar lúdico, tiara com retalhos de tecido, meia calça colorida e luva.

A figura 2 mostra o Raimundo personagem principal. É o fantoche que foi confeccionado com espuma e roupa de malha e tecido; outros que foram elaborados com tecido e malha, palito de churrasco, espuma, E.V.A e outros materiais, esses representam os meninos pelados e Caralampia que Raimundo encontra ao chegar na terra de Tatipirun. A cigarra sentada no disco, também foi confeccionada com espuma, EVA, tinta, arame, meia calça, papelão e outros materiais.

Fig. 1 – Vestes.



Fonte: Autoria própria

Fig. 2 - Personagens



Raimundo e os meninos pelados	A Cigarra
-------------------------------	-----------

Fonte: A autora

A figura 3 mostra a aranha vermelha feita com espuma, tinta de tecido vermelha, velcro, E.V.A. e cola; o carro feito de E.V.A., cola e tinta acrílica.

Fig. 3 - Personagens.



A aranha	O carro
----------	---------

Fonte: A autora

O cenário representando a serra de Taquaritu e a laranjeira foram feitos de tecido, TNT e feltro, como mostrado na figura 4.

Fig.4 - Cenário.



Laranjeira e a Serra de Taquaritu

Fonte: A autora

Após a preparação de todo o material idealizado, a contação de história aconteceu em sala de aula, com a participação de todos os discentes que estavam participando da disciplina, cada um apresentou sua atividade, a partir da proposta feita pela professora. Tivemos total autonomia na escolha de como seria cada apresentação, sempre lembrando que estaríamos trazendo na prática, teorias estudadas e discutidas em sala de aula, sobre a forma de mediação da leitura de textos literários e a contação de histórias para crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, tendo como base os conhecimentos prévios adquiridos nas discussões realizadas em sala. Na figura 5 mostra a apresentação na aula de forma mais simples, porém com grande parte dos acessórios.

Fig.5 - Sala de aula.



Apresentação da atividade

Fonte: A autora

Após a apresentação feita em sala de aula na Universidade Federal de Alagoas, foram surgindo outras oportunidades de compartilhar nosso projeto em outros espaços. Na figura 6 mostra a contação realizada no CEMEI que fazia parte do Programa Residência Pedagógica, as professoras reuniram todas as crianças no pátio. Na figura 7 mostra a mediação feita em uma escola de Ensino Fundamental I, realizada na turma de 3º e 4º anos, a professora estava trabalhando o livro: A Terra dos Meninos Pelados com os alunos, e pediu que contribuíssemos com a reflexão sobre as discussões que o texto provoca.

Fig.6 - Educação Infantil.



CEMEI de Maceió

Fonte: A autora

Fig.7 - Ensino Fundamental I.



Alunos do 3º e 4º anos

Fonte: A autora

Na 9ª Edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, nos inscrevemos para fazermos a contação de história sobre: A Terra dos Meninos Pelados, e uma oficina de fantoches com materiais reciclados. Na figura 8 mostra uma apresentação com um cenário mais elaborado, pois foi armado em uma praça que estruturaram para as contações de história.

Fig.8- 9ª Bienal Internacional do Livro



Alunos do 1º e 2º anos

Fonte: A autora

A partir dessa vivência, fui percebendo o quanto a formação acadêmica é muito importante para o desenvolvimento das práticas do profissional da educação. Um fato interessante com base nisso, foi a forma como a mediação em cada espaço e em cada público tinha suas especificidades, como mediar uma mesma história com públicos tão distintos? Era meu desafio a cada convite feito, sabendo por exemplo, que a atenção e os interesses de cada público são totalmente diferentes, isso provocava a busca de mais leitura e de mais conhecimento, algo que não paramos de fazer, pois estamos em um processo contínuo de aprendizagem.

A cada contação de histórias alguma experiência era adquirida, pois as crianças têm muito a nos ensinar. Muitas vezes vamos munidos de um cronograma e planejamento, que deve ser feito pois faz parte da organização, mas percebia que quando chegava em cada local, era conduzida pelas demandas que aquele momento exigia, era direcionada a adaptar minha fala, minhas expressões, meus gestos, conforme a realidade de cada ambiente e público.

Regina Machado defende que a contação de histórias deve levar em consideração as características e necessidades específicas do público-alvo. Ela destaca a importância de adaptar a linguagem, o ritmo, a seleção de histórias e as estratégias de envolvimento do público de acordo com a faixa etária, o nível de

compreensão, as experiências culturais e as demandas emocionais dos ouvintes.

A contadora de histórias precisa ter sensibilidade para ajustar o tom, o vocabulário e o estilo narrativo para tornar a história acessível e envolvente para cada público. Essas adaptações podem envolver a simplificação ou a ampliação do texto, a escolha de elementos visuais ou sonoros adequados e a utilização de recursos como gestos, expressões faciais e entonação de voz para criar um ambiente de conexão e imersão na história. A autora ressalta que o contador de histórias deve estar atento às reações e interações do público durante a contação, ajustando-se conforme necessário. Crianças pequenas, por exemplo, podem precisar de histórias mais curtas, com ritmo mais lento e repetição de elementos-chave. Já adolescentes ou adultos podem se beneficiar de histórias mais complexas, com abordagens temáticas mais maduras (MACHADO,2015).

O Programa Residência Pedagógica, contribuiu para as práticas pedagógicas, pois as discussões teóricas embasaram nossas vivências, permitindo perceber as necessidades e realidades dos alunos na escola e CEMEI que fizeram parte do programa, provocando uma desconstrução dos conhecimentos do senso comum, e nos fazendo refletir o quanto a formação acadêmica é importante para uma atuação profissional e responsável do educador. Compreendemos os benefícios que uma educação superior traz para a construção de uma base sólida de conhecimentos e habilidades necessárias para o exercício da profissão pedagógica.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das reflexões apresentadas, podemos considerar que a literatura, no caso mais especificamente a Literatura Infantil, tem um papel significativo no desenvolvimento das crianças, permite o contato com diferentes experiências, além de auxiliar no processo de letramento. A Literatura Infantil promove o desenvolvimento da linguagem, amplia o vocabulário, estimula a imaginação e desperta o interesse pela leitura.

Através da história: A Terra dos Meninos Pelados de Graciliano Ramos, podemos perceber que Raimundo era uma criança que enfrentava dificuldades em

sua realidade, nos mostra que a educação pode ser um caminho para a transformação pessoal e social. Somos confrontados com a realidade de muitas crianças que vivem em situações adversas, e o livro nos convida a refletir sobre as desigualdades sociais e a importância de promover a inclusão e a equidade na educação. Esses novos olhares só foram possíveis pela vivência e experiência adquirida pela participação no PRP e na formação acadêmica.

Nesse contexto, a Literatura Infantil se mostra uma ferramenta significativa para a conscientização e a promoção de valores como justiça, solidariedade e igualdade. Através das histórias as crianças são incentivadas a refletir sobre o mundo ao seu redor, a questionar as injustiças e a buscar soluções para os problemas que identificam. A Literatura Infantil, portanto, desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, engajados e comprometidos com uma sociedade justa e inclusiva.

Refletindo nas discussões apresentadas, analisamos o quanto ela tem um papel fundamental no processo de letramento infantil, bem como no desenvolvimento do vocabulário, colaborando com a imaginação e criação da criança, além de observar o papel da mediação e intervenção pedagógica, percebemos que a apresentação oral desperta o interesse pela aprendizagem.

Diante disso destacamos que a escola e o educador desempenham um papel primordial na formação de leitores apaixonados e autônomos. Ao proporcionar um ambiente rico em experiências literárias prazerosas, ao valorizar a arte e a estética presentes na literatura, ao oferecer apoio e incentivo constantes e ao selecionar materiais adequados, a escola contribui para que a criança não apenas desenvolva habilidades de leitura, mas também encontre na leitura uma fonte contínua de prazer, conhecimento e enriquecimento pessoal ao longo de sua vida.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BARBOSA, A. M. **Recorte e colagem: influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º Ciclos**. Língua Portuguesa. Brasília: 1998.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 -1998.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CERDEIRA, A.; ANDREIUOLO, B. **Dialogismo e alegoria no Sítio do Pica-Pau Amarelo**. In: SOUZA, S. J. (Org.) *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1987.

CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. 164p.

CRAMER, E.H. CASTLE, M. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 299p.

DEWEY, J. **Como pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. **El arte como experiencia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1949.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 21/07/2023.

MACHADO, Regina **A arte da palavra e da escuta** / Regina Machado; colagens de Adriana Peliano. — 1a ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MOTTA, Carlos Eduardo Varella Pinheiro. **Literatura Infantil Brasileira**. Infoescola, 2006.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1997

PNBE na escola: **Literatura fora da caixa / Ministério da Educação**; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais– Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

SANTOS, Dilaina Paula dos, **Psicopedagogia dos fantoches: jogo de imaginar, construir e narrar** / Dilaina Paula dos Santos. - 1a edição —São Paulo: Vetor, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/>. Acessado em 11/01/2023.

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico**. Madrid: Ed. Akai, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985.